

Haverá coisas eternas? Vila Verde, os Lenços de Namorados, a tradição e a inovação.¹

Um dos produtos recentemente elaborados pela Câmara de Vila Verde para a promoção do Concelho é um CD-ROM interactivo intitulado *Vila Verde- terra e tradição* (2004). A capa é ilustrada por diversas imagens de paisagens e de actividades locais, mas é a temática dos Lenços de Namorados que salta mais à vista. Na frente, o conjunto coração-chave, conhecido símbolo de profunda afectividade e total confiança, é directamente inspirado num motivo recorrente desses bordados. E, sobretudo, são os motivos e as cores desses mesmos bordados que dominam a ilustração da contracapa, onde se lê também que "Há coisas eternas". Imediatamente abaixo desta afirmação vem a indicação "Lenços de Namorados", deixando pensar que entre todas as coisas eternas que conhecemos ou pensamos conhecer, os Lenços devem ocupar um lugar de destaque. Está aqui implícita a ideia de que uma característica importante dos Lenços se deve encontrar numa certa estabilidade técnica, funcional, formal, estética e simbólica destas peças de artesanato.

Trata-se de uma ideia formulada com frequência pelos diversos intervenientes no processo de estudo, preservação e promoção dos Lenços que, como é sabido, tem vindo a ser dinamizado nos últimos anos pela Câmara de Vila Verde, em colaboração com várias outras entidades. É esta preocupação institucional com os Lenços e as suas produtoras (sendo o

¹ Este artigo é composto por partes de duas comunicações orais: "Tradição e mudança: Vila Verde no Minho e no mundo" (Conferências comemorativas dos 150 anos do Concelho, Vila Verde, 20 de Maio de 2005) e "Artesanato e inovação: a necessidade de alguma clarificação. Resultados preliminares de um estudo sobre os Lenços de Namorados" (seminário "O design e os Lenços de Namorados. Contributos para a inovação", Universidade do Minho, Guimarães, 21 de Julho de 2005).

bordar, hoje em dia, uma actividade quase exclusivamente feminina) que motivou a realização, por uma equipa de observadores externos, de um "Estudo aprofundado sobre os Lenços de Namorados", apoiado pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte e enquadrado num protocolo entre a Câmara de Vila Verde e a Universidade do Minho, nomeadamente a Secção de Antropologia.

Este breve texto pretende simplesmente apresentar a um público não académico alguns reparos acerca da questão da "eternidade" que ocorrem ao coordenador de uma investigação a ser ultimada neste momento. Todos concordaram que "Há coisas eternas", pelo menos numa escala temporal alcançável pela limitada mente humana, mas existirá provavelmente menor consenso quanto à questão de saber que coisas exactamente o são. Em que medida será possível dizermos que os Lenços de Namorados são eternos?

De facto, e como era de esperar, declarações repetidamente recolhidas no terreno nos últimos meses mostraram uma nítida preocupação em dar aos Lenços uma origem longínqua: "Aqui sempre bordámos desta maneira", "Todos os Lenços que conheço são parecidos, e alguns são bem velhos", "Há quem diga que foi no século XVIII [ou XIX, consoante as versões], que houve raparigas que começaram a imitar os lenços dos fidalgos". Não cabe aqui entrar em pormenor na discussão das origens exactas dos Lenços de Namorados, uma questão que será abordada no relatório final do projecto, bastando para já observar que não se conhece nenhuma documentação anterior à segunda metade do século XIX. Encontramo-nos portanto no domínio da conjectura, tanto mais que os estudos históricos do bordado popular europeu são extremamente lacunares, contrastando com o interesse com que a História da Arte tem abordado os tecidos de aparato, bordados e outros, reservados às classes dirigentes e ao clero e dos quais, em parte em razão do seu significado simbólico ou da sua preciosidade material, temos coleções de exemplares muito antigos.

De qualquer maneira, uma coisa eterna não tem fim mas pode ter um início. E quanto mais antigo melhor, porque uma antiguidade considerável é indicadora de uma maior possibilidade de não ter fim. Mas, como deve ser óbvio, o recurso à imagem da "eternidade" por parte dos promotores dos Lenços não deve ser entendida ao pé da letra. Trata-se de uma qualificação poética, mais ou menos deliberada ou inconsciente segundo os casos e os contextos, traduzindo a vontade muito comum de valorizar certas práticas culturais, ancorando-as num passado remoto ao qual estão associadas visões muitas vezes idealizadas. Quem, a propósito dos mais variados comportamentos colectivos, não ouviu já a expressão "É uma tradição antiga", muito especialmente quando se trata de defender a tal tradição perante uma crítica?

No caso dos Lenços, não há nenhuma necessidade agora de defender o que quer que seja: essas peças de artesanato beneficiam hoje de uma valorização bastante consensual, como tudo o que é tido por "patrimonial". E a sua integração na imagem de Vila Verde parece ser cada vez mais difundida. Esta identificação nem sempre foi tão imediata. De facto, em todos os estudos mais ou menos eruditos sobre os Lenços publicados até agora, em todas as colecções de Lenços que encontramos em museus nacionais ou estrangeiros, as peças oriundas de Vila Verde primam pela ausência. Tal não quer dizer que não houvesse Lenços no Concelho de Vila Verde quando os etnógrafos de meados do século XX realizaram as suas recolhas. Simplesmente, o Concelho padecia então de uma certa falta de identidade (Durand 2004: 23): de criação recente, sem unidade geográfica clara, tendo por sede um local desprovido de qualquer profundidade histórica, nunca motivou nenhum esforço particular por parte dos investigadores. É aliás de notar que mesmo com a renovação acentuada da disciplina antropológica em Portugal a partir dos anos 1980, os relativamente numerosos estudos etnográficos realizados no Minho escolheram todas outras localidades. Além disso,

há várias décadas que os bordados de Viana do Castelo e de Guimarães, entre outros, adquiriram uma unidade estilística relativamente estabelecida que contribuiu para a sua notoriedade. Mas foi só a partir de meados dos anos 1980 que foram levadas a cabo em Vila Verde as duas recolhas e subsequentes publicações que resultaram na publicitação da imagem dos Lenços locais além dos limites regionais (Aliança Artesanal 2002; Associação Cultural Recreativa e Musical de Aboim da Nóbrega s.d.).

Hoje, pelo menos no que diz respeito aos Lenços, a situação encontra-se invertida em resultado de uma notável intervenção voluntarista da Câmara: Vila Verde atrai a maior parte das atenções e ninguém contesta o facto de os seus Lenços terem a mesma legitimidade histórica que os outros, mesmo se a visibilidade que chegam a alcançar pode por vezes suscitar comentários inconformados por parte de algumas bordadeiras de Concelhos vizinhos². Tem que se precisar que, no estudo parcialmente apresentado aqui, se optou por considerar que, apesar de terem existido noutras regiões do país, os Lenços são um fenómeno que diz respeito sobretudo ao Minho inteiro, que aparenta ser a única região onde ainda são produzidos. Neste conjunto é indubitável a existência de núcleos estilísticos mais ou menos bem definidos. Mas a escassez de fontes documentais nunca permite saber até que ponto não bastou por vezes uma bordadeira inventiva e muito produtiva durante alguns anos para dar a impressão que uma freguesia inteira estava unida num estilo específico e duradouro. E também nunca se deve esquecer que uma recolha produz uma imagem distorcida da realidade estudada, enviezada por diversos factores. Se é relativamente fácil chegar a uma amostra fiável de uma produção artesanal contemporânea, já não é tão seguro quando se trata de

² Os efeitos e algumas implicações, a nível regional, do protagonismo nacional do município de Vila Verde nos últimos anos relativamente à questão da certificação e da promoção dos Lenços de Namorados são analisados numa comunicação apresentada na última conferência de comemoração dos 150 anos do Concelho, em 21 de Outubro de 2005.

observar o seu passado: lenços do início do século XX podem ter sido roídos pelos ratos, esquecidos no fundo de uma arca, enviados para o Brasil, deitados fora por engano, escondidos aos investigadores porque achados sem interesse -- ou, pelo contrário, para evitar a publicação de uma fotografia e a cópia de um *risco* (padrão) original por bordadeiras concorrentes... Se os bordados medievais que chegaram até nós são todos luxuosos, não é necessariamente pelo facto de não terem existido formas mais populares, mas porque os primeiros foram considerados dignos de mais atenção.

É portanto indispensável rejeitar toda e qualquer atitude virada para a definição demasiado fixista dos Lenços de uma ou outra localidade. Será sempre uma interpretação, em função dos nossos critérios contemporâneos, de uma imagem aproximada. Tal folclorismo, obnubilado pelo "antigamente", é incapaz de perceber as dinâmicas de realidades sociais e culturais que pretende fixar num estado de "pureza" ideal. Os seus corolários são um bairrismo e uma imobilidade que só poderão ser extremamente prejudiciais às tentativas de valorização económica e de perenização da actividade das bordadeiras, cujo sucesso a longo prazo passará necessariamente pela inventividade estética e pela adopção, à escala regional, de formas cooperativas de produção, promoção e comercialização.

Ora, a procura de uma legitimação pela "tradição" não se limita à produção de uma genealogia, a representação de uma filiação histórica. A insistência na durabilidade, e portanto a projecção no futuro, implica também a ideia de uma certa estabilidade, da existência de semelhanças, de uma permanência de formas e de funções. Se as tradições são sempre mais fluidas e evolutivas do que parece ao senso comum, não pode obviamente haver tradição sem pelo menos um certo grau de repetição. Mesmo as tradições que resultam mais obviamente de um processo de invenção, para evocar um tema já muito explorado pelas ciências sociais, raramente podem ser inventadas a partir de nada.

O objectivo principal do estudo consiste precisamente numa tentativa de ter uma ideia mais clara acerca daquilo que é um Lenço, daquilo que o não é, daquilo que pode ser ou não pode ser, e, portanto, de um documento que permitirá ou pelo menos deverá facilitar a definição de uma série de critérios utilizáveis no processo de certificação. Desde a sua instauração, em 2002, a certificação foi atribuída a ligeiramente mais de 1000 Lenços, sendo o número de peças "chumbadas" extremamente baixo, da ordem de algumas unidades. Mas o facto é que os próprios membros da Comissão de Certificação falam nalgumas dificuldades práticas causadas precisamente pela falta de definição do objecto que devem certificar. O problema é particularmente agudo quando se trata de avaliar peças que apresentam certos desvios mais ou menos marcados relativamente a modelos comuns, consensualmente reconhecidos como sendo Lenços de Namorados.

E falar em "Lenços de Namorados" constitui já uma certa inovação. De facto, pelo que nos têm dito as bordadeiras mais idosas com quem temos falado ao longo do trabalho de campo, antigamente não se falava necessariamente em "Lenços de Namorados". Não quer dizer que não se falasse, mas ao que parece a expressão não tinha a dimensão emblemática, quase que obrigatória, que tem agora. Muitas pessoas idosas, bordadeiras ou não, lembram-se de um tempo em que se falava simplesmente dos Lenços, ou dos Lencinhos, e de um tempo também em que os Lenços não tinham a vida própria, independente da vida dos bordados em geral, que entretanto passaram a ter, ganhando novas funções sociais. Agora sobretudo apreciados enquanto peças decorativas, são por vezes coleccionados. Já não são criações únicas cuja realização era motivada por um sentimento suposto também ele permanecer único. De certos *riscos* particularmente apreciados, fixados a partir das fotografias publicadas principalmente nos catálogos das exposições da Aliança Artesanal, já existem provavelmente várias dezenas de réplicas que raramente se atrevem a ser mais interpretações inspiradas do

que simples reproduções. O Lenço das Quadras, o Lenço das Vindimas, por exemplo, são agora modelos que os apreciadores identificam ao primeiro olhar. A simples atribuição de um nome a certos padrões é aliás um indicador nítido das novas funções sociais desses objectos.

Mas se, por um lado, há agora inúmeras réplicas mais ou menos fiéis, noutras casos a inventividade não parou. E a complexidade da questão da inovação pode ser ilustrada a partir de dois exemplares encontrados pela equipa, com datas do início do século XX, que ostentam a expressão, quase que como um título, "Lenço dos Namorados". São duas peças de realização impecável cuja composição, motivos, cores e pontos parecem clássicos mas que aparentam à primeira vista terem sido fabricadas há pouco tempo. A sua bordadeira declarou que são inspiradas em vários Lenços antigos cujos elementos ela combinou acrescentando-lhes outros pormenores e escolhendo escrever "Lenços dos Namorados", apesar da expressão não se encontrar em nenhum dos modelos, porque "os clientes gostam". E é pela mesma razão que escreve "dos" com u, isto é com a introdução de um erro ortográfico deliberado, declarando só ter "a quarta classe" mas saber "escrever direitinho" (o que não era o caso com as bordadeiras antigas, cujos erros eram causadas pela sua literacia deficiente). Mais ainda, ela usa nos seus lenços quadras compostas por versos tirados das cartas enviadas por um namorado ("que não é o meu marido!" disse ela), já lá vão algumas dezenas de anos. Este namorado escrevia correctamente mas, mais uma vez, ela acha melhor introduzir alguns erros, pensando no gosto dos clientes. Quanto às datas indicadas nos Lenços, são inventadas, pela mesma razão.

Estamos portanto perante peças que aparentam ser réplicas, sendo na realidade totais recomposições contemporâneas realizadas por uma mulher que, quando os clientes lhe perguntam onde se encontra a sua loja, responde "a minha loja está atrás da vaca". De facto, esta bordadeira é das mais criativas (sendo, ao mesmo tempo, pouco inovadora, já que

trabalha só com elementos antigos que recompõe), e é também a que mais se aproxima do ícone da pastora que aproveita os momentos de menores afazeres para bordar mesmo se, tendo consciência do valor do seu trabalho, ela assina os seus Lenços (mais uma inovação que se afirma entre as bordadeiras e que levanta complexos problemas relativos à propriedade intelectual e à dimensão colectiva do "produto tradicional"). A questão que se coloca aqui é saber se as suas peças, cujas qualidades técnicas e estéticas são indiscutíveis, mereceriam sempre a aprovação dos membros da Comissão de Certificação que insistem mais na questão da "genuinidade". O problema é que, nesse caso, pensa-se mais nas peças, a partir dos modelos antigos que conhecemos e valorizamos, e menos na genuinidade do acto criador.

Quem nos diz que nunca houve no passado bordadeiras que gostavam de brincar de semelhante maneira com os elementos decorativos que usavam? Donde é que nos vem a certeza que as datas que encontramos em peças antigas nunca foram inventadas? São ideias que tiramos talvez do facto de sabermos que a imensa maioria dos Lenços bordados hoje são peças concebidas numa óptica comercial, o que pode levar a uma suspeita de falta de sinceridade, de manipulação. Mas a bordadeira profissional não é uma figura recente. É sabido (e testemunhado por pessoas mais idosas) que, ao contrário do que reza a imagem folclorizante da moça bordando um lenço exclusivamente para o namorado, sempre houve quem o comprasse. Só que, perante uma colecção, já não podemos dizer hoje quais as peças produzidas numa relação comercial (donde, mais uma vez, a necessidade de não idealizar as informações que nos vêm do passado).

O mesmo tipo de problema é particularmente nítido com a questão dos erros ortográficos. Os "erros" que encontramos nos Lenços antigos podem ser explicados pelas características da pronúncia minhota transcrita foneticamente por quem tinha um domínio

parcial das normas da escrita da língua portuguesa³, para não falar nos casos em que a bordadeira era iletrada e só copiava um texto como copiava um *risco*, com todas as possibilidades de desvio relativamente ao modelo. Hoje em dia estamos perante uma situação bastante diferente: temos bordadeiras letradas, que fazem erros deliberados para agradar a clientes cujas expectativas acerca dos textos inscritos nos Lenços foram formadas por modelos que já não correspondem inteiramente à maneira como, na realidade, se fala hoje no Minho. É certo que a pronúncia minhota ainda existe, e ainda pode ser vincada, mas já não apresenta a solidez que tinha há umas dezenas de anos atrás. E, além da simples questão da pronúncia, é verdade que nunca como hoje um minhoto foi tão pouco diferente de um lisboeta ou de um algarvio. A maior homogeneização cultural do país é um facto indiscutível: as diferenças substantivas entre as várias regiões nunca foram tão esbatidas, o que não quer dizer que a sua percepção, as diferenças sentidas não possam continuar a ser vivas. Além disso, se os "erros" dos Lenços antigos podem ser explicados pelas variações sociolinguísticas, agora nem sempre é assim: uma bordadeira letrada poderá introduzir erros por ela inventados, que não encontram nenhuma explicação nos parâmetros de uma pronúncia local e que, ao contrário do que era o caso antigamente, procuram agora preencher uma função: indicar a um cliente urbano, letrado ele também, que está supostamente perante um produto "genuíno" ou popular. Uma manifestação de genuinidade que passa portanto pela produção, inovadora, de erros... errados. O que fazer com tal inovação? Certifica-se?

³ Para um tratamento linguístico desta questão, ver a tese de doutoramento de Adriano Basto (2005).

O relatório final do estudo apresentará elementos de resposta e propostas concretas que é impossível pormenorizar aqui: as soluções, como é óbvio, não são nem simples, nem unívocas. Basta para já observar que se trata de um fenómeno bem conhecido em contextos onde um grupo local é produtor de um bem (um certo objecto artesanal ou um produto alimentar por exemplo, mas pode ser também uma festa tradicional) que um outro grupo, em geral económica e politicamente mais poderoso, acha por alguma razão interessante, atractivo, engraçado... Sabe-se que a oferta tem tendência para se adaptar à procura, e os produtos tradicionais para serem cada vez mais produzidos segundo os critérios (reais, ou imaginados pelos produtores, é outra questão) dos compradores e menos em função dos preceitos tradicionais dos produtores. Toda a questão será de saber onde colocar o limite entre o que é certificável e o que já não é, sendo a resposta provavelmente diferente em cada caso. O que é certo é que as exigências do mercado, as ameaças da concorrência, os desejos dos clientes, as exigências normativas (do Estado ou, até, de uma entidade supranacional, como é cada vez mais o caso na Europa), tudo vai no sentido de incentivar uma produção mais ou menos afastada dos modelos originais. Por outro lado, a definição local de normas destinadas a proteger esses modelos pode resultar numa fossilização patrimonial, no desaparecimento de toda e qualquer dinâmica de criação⁴. É portanto pelos dois lados que o "genuíno" parece estar ameaçado. A resolução deste paradoxo, inevitável nas acções de relançamento de produtos tradicionais, passa pelo abandono de qualquer atitude fixista. Se os contextos, as funções e os significados de um produto mudaram, porque não, de maneira a garantir a sua sobrevivência, admitir que ele próprio possa ser objecto de alguma inovação?

⁴ Para vários estudos de casos europeus e uma reflexão sobre estes problemas ver Bromberger *et alii* (2004).

Acontece que a criatividade associada aos Lenços tem sido nos últimos anos alvo de esforços de renovação e de dinamização, nomeadamente na forma de vários encontros de reflexão promovidos pelas entidades envolvidas na Certificação. E depois de ter até aqui advogado a inovação, convém agora lembrar a simples evidência de que toda a inovação não é necessariamente boa, mesmo sendo uma noção que passou a ser bastante consensual. Um tempo de reflexão parece necessário quando constatamos que, na sua larga maioria, as tentativas inovadoras desenvolvidas a partir dos Lenços consistem sobretudo, se não exclusivamente, na busca de novos usos para ideias, produtos, motivos cristalizados no estado considerado como sendo representativo, tradicional, puro, etc., porque foi o estado que foi observado e fixado quando se fez uma recolha, o resultado da qual passou a ser o suporte de uma produção e de uma promoção que lhe permitiram adquirir o estatuto de emblema, de representante de um conjunto do qual é meramente uma parte. Por exemplo, quando hoje em dia são evocados os "motivos tradicionais dos Lenços de Namorados", é quase sempre nos motivos de certos Lenços, produzidos num certo sítio, que se pensa: os Lenços da segunda metade do século XX em Vila Verde, com a sua tonalidade infantil e as suas cores garridas que agradam à sensibilidade do momento. É por exemplo fácil constatar que os motivos mais característicos dos Lenços a ponto de cruz ou as cores dominantes em bordados de outras partes do Minho muito mais raramente servem de suporte à inspiração de estilistas e designers (considerações económicas podem também ter aqui uma certa importância, nomeadamente no caso do ponto de cruz).

E esta observação leva à necessidade de distinguir entre a inovação aplicada aos Lenços e, por outro lado, os usos dos motivos dos Lenços noutros suportes (outras peças do vestuário, louça, relógios, etc.). É uma via que pode obviamente apresentar possibilidades interessantes mas que, na maior parte dos casos, implica um abandono do modo de produção

artesanal, com todos os perigos inerentes (o que não quer dizer inevitáveis) a uma produção mais ou menos industrializada e a uma distribuição massificada: baixa qualidade dos materiais e da execução, banalização do produto, cansaço do consumidor. Basta, para perceber, pensar nas linhas de têxtil lar e de louça recentemente propostas por certos hipermercados. Por outro lado, criadores trabalhando com suportes vários têm levado a cabo experimentações cujos resultados podem ser estimulantes mas relevam de um tipo de sofisticação conceptual e do recurso a meios técnicos pouco compatíveis com o universo social de origem dos Lenços⁵. Em qualquer um desses casos é portanto muito mais patente a contribuição dos Lenços para o design do que a contribuição do design para os Lenços.

Parece importante lembrar aqui que o que está em jogo na dinamização da produção e da comercialização dos bordados é antes de mais a possibilidade de proporcionar algum rendimento adicional e, talvez sobretudo, um motivo de auto-estima, uma possibilidade de autonomia e de estatuto social, a mulheres oriundas de meios desfavorecidos nos quais a pluri-actividade é muitas vezes necessária para assegurar a sobrevivência. O uso de complexos programas informáticos não será, pelo menos para já, a melhor maneira de estimular a criatividade de quem, para começar, não tem os meios para adquirir um computador e cuja loja, como já vimos, pode nalguns casos estar "atrás da vaca".

Observar os Lenços criados recentemente por essas bordadeiras leva rapidamente a notar que, em regra geral, são abertas à inovação gráfica (com a adaptação ou a criação de padrões e a introdução de motivos das mais variadas origens) ou material (experimentação com novas linhas e cores, com vidrilhos, missangas) e muito mais conservadoras no que diz

⁵ Como o projecto AvantCraft, apresentado no seminário "O design e os Lenços de Namorados" (21 de Julho de 2005, Universidade do Minho, Guimarães).

respeito ao repertório de versos, para não falar na introdução de textos inteiramente novos. Poderá ser isso a consequência de uma certa falta de à-vontade perante o texto escrito sentida por mulheres que, apesar de serem agora quase todas alfabetizadas, continuam a viver num universo em que o essencial da comunicação do dia a dia se realiza na oralidade. Sem saber se passará um dia pelo Minho uma nova Sonia Delaunay, que ao que parece encontrou para as suas criações artísticas e estilísticas uma fonte de inspiração nas cores do traje regional, será importante no imediato continuar a facilitar o dialogo entre artistas e bordadeiras, mas tentando agora orientar os esforços no sentido de observar, e até suscitar, uma evolução dos próprios Lenços, tentando enriquecer a gama das suas potencialidades. De qualquer maneira, é provável que o alargamento da clientela a uma população urbana resulta na introdução de novas temáticas ou até no desenvolvimento de novos estilos: já existem Lenços bordados, a pedido do cliente, com versos de poetas consagrados.

Quando olhamos para a breve história documentada dos Lenços de Namorados (mais ou menos cento e cinquenta anos), é fácil constatar que estamos perante uma realidade que sempre evoluiu: do ponto de cruz a uma gama de pontos muito mais vasta, do mono- ou bicromatismo à policromia, nos motivos, nas composições. Seria portanto paradoxal assistir agora a uma paragem desta evolução, quando os materiais, os meios técnicos, as fontes de inspiração nunca foram tão variados e disponíveis. Boa parte da genuinidade dos Lenços encontra-se precisamente na sua plasticidade, na capacidade das suas produtoras se adaptarem a condições novas. Então, eternos, os Lenços? Talvez, mas só se mudarem ou, melhor, se continuarem a mudar.

Jean-Yves Durand

Secção de Antropologia
Universidade do Minho

Bibliografia

- ALIANÇA ARTESANAL: 2002, *Lenços de Namorados, escritas de amor*, Vila Verde.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL RECREATIVA E Musical de Aboim da Nóbrega: s.d., *Lenços de Namorados de Aboim da Nóbrega, artesanato regional*, Aboim da Nóbrega.
- BROMBERGER Christian, CHEVALLIER Denis, DOSSETTO Danièle (eds.): 2004, *De la châtaigne au Carnaval. Relances de traditions dans l'Europe contemporaine*, Die: Éditions A Die.
- DURAND Jean-Yves (org.): 2004, *Vila Verde: uma etnografia no presente*, Câmara Municipal de Vila Verde.